

CRIANÇAS IMIGRANTES NO PROGRAMA “UEMS ACOLHE”: NARRATIVAS DO COTIDIANO DA PEDAGOGIA/DOURADOS

Giana Amaral Yamin^{ID¹}, Míria Izabel Campos^{ID²}

Adriana Mendonça Pizatto^{ID³} e Kamila Gabriela Dias de Souza^{ID⁴}

Resumo

O resgate da documentação pedagógica, construída por meio de mini-histórias, sustenta a apresentação de uma experiência, cujo objetivo foi analisar as concepções que direcionaram ações de estudantes do curso de Pedagogia, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Dourados. As ações desenvolvidas em 20 encontros - abril a novembro de 2023 – bebês e crianças de famílias de imigrantes que acompanhavam os adultos durante as aulas semanais de língua Portuguesa, oferecidas pelo Programa “UEMS ACOLHE”. O brincar, como linguagem universal das crianças, revelou-se como desencadeador das vivências efetivadas em um espaço não formal de educação. Apoiaram a construção metodológica, bem como as análises das narrativas, documentos oficiais da Educação, da Sociologia da Infância, das Artes visuais, entre outros estudiosos das crianças e das infâncias. O planejamento responsável apoiou individualidades e interesses. A avaliação não procurou resultados, mas entender as crianças e planificar experiências para elas. Questionando a concepção de criança consumidora, as estudantes restringiram a oferta de brinquedos industrializados, valorizaram o brincar e o brinquedo como construções culturais que dirigem valores, ações e comportamentos. Também evitaram explorar livros e músicas veiculadas nas mídias, que geram modelos de desejos de pertencimento e interferem na construção da identidade. Os resultados apontam que meninos e meninas são corajosos, não percebem escadas ou ladeiras como obstáculos, mas como possibilidades de viver a vida em movimento. A experiência conclui a importância de uma formação docente que acenda olhares, que fomente o senso estético em diálogo com os princípios éticos e políticos.

Palavras-chave: Infâncias; Formação docente; Imigração; América Latina.

¹ Doutora em Educação Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Professora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Líder do “Grupo de Pesquisa a criança e as instituições sociais”.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFGD. Vice-Líder do Grupo de Pesquisa Educação e Processo Civilizador (GPEPC).

³ Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Membro do “Grupo de Estudo e Pesquisa em História da Educação, Memória e Sociedade” (GEPHEMES). Bolsista Fundect.

⁴ Graduanda em Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Extensionista. Integrante do “Grupo de Pesquisa a criança e as instituições sociais”.



IMMIGRANT CHILDREN IN THE “UEMS ACOLHE” PROGRAM: NARRATIVES OF EVERYDAY LIFE IN THE PEDAGOGY COURSE IN DOURADOS

Abstract

The recovery of pedagogical documentation, constructed through mini-stories, supports the presentation of an experience whose objective was to analyze the conceptions that guided students' actions from the Pedagogy course at the State University of Mato Grosso do Sul, Dourados Unit. The actions were developed in 20 meetings – from April to November 2023 – and involved babies and children from immigrant families who followed the adults during weekly Portuguese language classes, offered by the UEMS Program called ACOLHE. The act of playing - considered the universal language of children - revealed itself as the trigger for experiences carried out in a non-formal space for education. The methodological construction and the analysis of narratives were supported by official documents of Education, Sociology of Childhood, and Visual Arts, among other scholars of children and childhood. Responsive planning fostered individualities and interests. The evaluation did not seek results, but rather understanding the children and planning experiences for them. In order to question the conception of the child as a consumer, the Pedagogy students restricted the offering of industrialized toys. They valued the act of playing and the toys as cultural constructions that guide values, actions, and behaviors. They also avoided exploring books and music disseminated in the media, which generate models of belonging desires and interfere in the construction of their identity. The results indicate that boys and girls are brave, they do not perceive stairs or slopes as obstacles, but rather as possibilities to live life in motion. The experience concludes the importance of teacher training that ignites perspectives and fosters an aesthetic sense in dialogue with ethical and political principles.

Keywords: Childhood; Teacher Training; Immigration; Latin America.

1. Introdução

Se concebemos a infância como um modo particular de pensar as crianças, como construção social (Cohn, 2005), devemos considerar que meninas e meninos, filhas/os, netas/os sobrinhas/os de pessoas imigrantes¹ sofrem as consequências do contexto da situação de vida no qual estão inseridos. As crianças venezuelanas, por exemplo, acompanham o fluxo migratório² ao fugirem junto com os adultos de problemas econômicos e políticos, da parca perspectiva de trabalho, da violência urbana e da carência no seu país (Faria, 2023). Integram um êxodo que reflete a maior crise migratória

¹ Imigrante é aquele que imigra, ou seja, aquele que entra em um país estrangeiro; é o indivíduo que veio do exterior.

² Migrante é o termo frequentemente usado para definir as migrações em geral, tanto de entrada quanto de saída de um país, região ou lugar.



da América Latina, já que, em 2019, o quantitativo somava 3,4 milhões de pessoas (Azevedo; Amaral, 2021).

Da mesma forma, meninas e meninos haitianos, cuja vida, já fragilizada, foi agravada após o terremoto de 2010, considerando-se que viviam em um país que ocupava o 149º lugar no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e 58% deles estavam desnutridos. Posteriormente, entre os anos de 2018 e 2019, questões políticas, econômicas e sociais intensificaram as migrações imputando-lhes a condição de refugiados¹ por sofrerem violações, juntamente com os adultos, que feriam os direitos humanos (Azevedo; Amaral, 2021).

Dessa forma, ser criança imigrante [Venezuela] ou refugiada [Haiti] caracteriza a especificidade das infâncias: a primeira se desloca de um país a outro e faz desse último seu novo local de morada, já a refugiada evade por temer perseguições e não deseja ou não pode permanecer no país de nacionalidade (Daniel; Moro, 2022).

O estado de Mato Grosso do Sul (MS), desde 2015, é rota de passagem de migrantes e refugiados venezuelanos no Brasil, via Bolívia e Paraguai. Entre os anos de 2019 e 2020, recebeu cerca de 2.179 pessoas por meio da estratégia de interiorização do Governo Federal. A cidade de Dourados, no ano de 2019, configurava-se como o quarto maior receptor de venezuelanos interiorizados em busca de emprego em um frigorífico. A maioria da população era composta por casais jovens e filhos menores de 10 anos de idade (Faria, 2023).

Já a presença haitiana no Mato Grosso do Sul foi marcada por três fases: em 2012 e 2013, pelas contratações de trabalhadores nas cidades de Três Lagoas, Itaquiraí e Campo Grande (construção civil, indústria e frigoríficos). Em 2015, registra-se a migração de haitianos oriundos de outros estados e, em 2016 e 2017, ocorre a migração de pessoas do Haiti para encontrar familiares e amigos que já estavam no Mato Grosso do Sul. Nesse último momento, a ampliação da presença de mulheres, crianças e jovens indica que, além do emprego, as pessoas almejavam oportunidades para educação, saúde, bem como experiências profissionais e culturais (Jesus, 2018).

Nesse contexto, desde 2017, a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) desenvolve ações, por meio do Programa “UEMS ACOLHE”² voltadas à inserção linguística, cultural e social de adultos migrantes e refugiados, ofertando cursos de Português como Língua Estrangeira nas cidades de Campo Grande, Dourados, Itaquiraí e Nova Andradina. Atua, ainda, na formação de agentes para o ensino de Português para falantes de outras línguas.

Isto posto, o resgate da documentação pedagógica, construída por meio de mini-histórias, sustenta a apresentação de uma experiência, cujo objetivo foi analisar as concepções que direcionaram ações de estudantes do curso de

¹ Refugiados são pessoas que saem de suas terras natais para fugir de situações de precariedade provocadas por guerras, crises e perseguições políticas.

² Para maiores informações sobre o Programa “UEMS ACOLHE” acesse: <https://www.uems.br/pro-reitoria/proec/UEMS-Acolhe>



Pedagogia, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Dourados.

2. A UEMS e o acolhimento a imigrantes

No ano de 2023, em Dourados (MS), as aulas de português do Programa “UEMS ACOLHE” foram oferecidas em dois polos: na Primeira Igreja Batista de Dourados (PIB) e na Escola Estadual Professora Floriana Lopes. O local do desenvolvimento da experiência, tratada neste artigo, ocorreu na primeira instituição, às terças-feiras, período noturno (19h às 21h30). Em cada semestre, após a conclusão de 10 encontros (somando 20 encontros no ano), os alunos (estudantes adultos) receberam certificado que integrou a documentação para a regularização migratória.

A inserção do curso de Pedagogia, Unidade Universitária de Dourados, às atividades do “UEMS ACOLHE” ocorreu em abril do referido ano, por meio do Projeto de Extensão “UEMS para Crianças”¹, movido pela necessidade de atender meninos e meninas que acompanhavam mães, avós e pais nos momentos de estudos. Participaram das atividades 13 crianças no 1º semestre e 11 crianças no 2º semestre, cujas famílias vieram da Venezuela, do Haiti e da República Dominicana. Isso demandou que a equipe envolvida (professoras e estudantes) organizasse atividades em um espaço de educação não formal.

O compromisso do curso com o Programa revela a concepção de criança que orienta a formação docente das estudantes da Pedagogia. Invisibilizar a demanda do “UEMS ACOLHE” seria negligenciar os direitos de meninos/as que eram obrigados, pelas contingências dos adultos, a estarem longe dos lares, no período noturno, um momento reservado ao descanso. Somado a isso, atendê-los, revelou-se uma proteção intencional à infância, pois impediu a ocorrência de ações voltadas ao controle de corpos, caso as crianças fossem submetidas a momentos de espera até à conclusão das aulas semanais dos adultos.

Para chegarem ao polo PIB, as crianças, com os adultos, deslocavam-se utilizando ônibus, carros de aplicativos, bicicletas e carrinhos de bebês. No inverno eram agasalhadas com rigor. As estudantes da Pedagogia UEMS/Dourados assumiram a função de voluntárias², uma nomenclatura que reflete as intenções humanitárias da ação, todavia, eram consideradas estudantes em formação, colaboradoras extensionistas, pois cada momento pensado para/com as crianças demandou articulação teórica e prática entre ensino, pesquisa e extensão.

No primeiro semestre de 2023, o número majoritário de bebês demandou atenção das estudantes para dedicarem-se a oferecer colos, organizar trocas, sono e alimentação das crianças. No segundo semestre, a faixa-etária das

¹ Para maiores informações sobre o Projeto de Extensão “UEMS para Crianças” acesse: <https://www.facebook.com/groups/171805103204035/> e <https://www.instagram.com/uemsparacriancas/?hl=pt-br>

² Atuaram as estudantes Izabelli Alves Taveira, Kamila Gabriela Dias Souza, Dayane de M. F. dos Santos, Gislaine Ferreira Novelli, Sophia Lara Zambalde, Taiana da Silva Garcia, Rafaela Peralta Oliveira e Luana da Silva de Souza. Professoras Giana Amaral Yamin e Maria Eduarda Ferro.



crianças, três e quatro anos, desencadeou desafios específicos. Consequentemente, os dois momentos imputaram consulta teórica para a construção dos planejamentos.

Para delinearmos a proposta, as estudantes refletiram teoricamente, a partir das concepções aprendidas no Curso, quais conceitos poderiam embasar nosso fazer no “UEMS ACOLHE”. Dessa indagação, autores e documentos oficiais da Educação (Brasil, 2009), da Sociologia da Infância (Corsaro, 2011), entre outros, apoiaram a construção metodológica. Partiram do princípio de que as crianças filhas/filhos de imigrantes (assim como todas as crianças) devem ter seus direitos observados: proteção, educação e saúde. Consideraram que elas são sujeitos capazes e construtores de uma cultura de pares, que interpretam e transformam a herança cultural transmitida pelos adultos, como ensinam Sarmento e Gouveia (2008). Somado a isso, observaram as histórias de vida das crianças: algumas detinham memórias do país de origem, muitas desconheciam o passado dos familiares. Outras, por frequentarem escolas/creches no Brasil, dominavam a Língua Portuguesa. Algumas já nasceram no nosso país e no âmbito familiar aprendiam o idioma de origem e se apropriam em espaços públicos da língua Portuguesa.

3. Caminhos teórico-metodológicos

Como mencionado, no ano de 2023, as estudantes da Pedagogia UEMS/Dourados ingressam nas ações do Programa “UEMS ACOLHE”. Em cada semestre atenderam as crianças, semanalmente, durante 10 encontros (totalizando 20 no ano). Partiram do princípio que, assim como todas, independentemente da idade, as crianças imigrantes usam múltiplas linguagens para se expressar - como o desenho, a música, a argila, o movimento e o brincar. Elas ainda se comunicam quando participam de contação de histórias, de momentos de leituras e quando exploram o corpo. Também ponderaram que algumas preferem perceber o mundo, por isso ficam em silêncio, e que outras dialogam com intensidade, a partir dos sentidos que constroem com as experiências.

Somado a isso, consideraram que as crianças imigrantes aprendem e ensinam quando imersas em contextos de interações e brincadeiras. Dessa forma, entenderam que o processo de socialização das crianças extrapola a questão da interpretação e internalização, pois envolve “[...] um processo de apropriação, reinvenção e reprodução” (Corsaro, 2011, p. 31). As crianças produzem cultura e possuem o direito de viver experiências desafiadoras em espaços esteticamente preparados, com materiais de qualidade, em quantidade suficiente e em ambiente seguro.

Durante os semestres de desenvolvimento das propostas, a equipe da Pedagogia construiu uma documentação pedagógica (imagens filmadas e fotografadas, registros e narrativas do trabalho). Fochi (2019) adota este termo para extrapolar o conceito do ato de registrar e como prática que envolve edificar contradiscursos que não dialoguem com pedagogias participativas. A documentação pedagógica narra o cotidiano das crianças e dos adultos.



Consolida-se em uma prática centrada em sujeitos que partilham jornadas de aprendizagens, tendo a linguagem em uma dimensão relacional e participativa. Assim, como orienta Ostetto (2017, p. 30), os apontamentos (registros) construídos no Programa revelam histórias, testemunham ideias e receios, idealizam ações, revelam formas de pensar, poetizam acontecimentos. Desconstruíram uma linguagem “escolarizada” “[...] tradicionalmente cinzenta rígida, enquadrada, que tantas vezes silencia adultos e crianças”. Registraram a trajetória com as crianças e, a partir dela, avaliaram e reorganizaram planejamentos.

O acervo documental também subsidiou os estudos de uma pesquisa-ação desenvolvida concomitantemente pela equipe¹. Como consequência, revela a identidade de um trabalho (re)construído no processo. Neste artigo, especificamente, resgatamos parte dos documentos e contamos nossa história, refletida após o vivido. Ela elucida quais concepções (implícitas e explícitas) direcionaram as experiências e resulta em uma pesquisa da prática. Investigamos como ocorre a lógica (nada cartesiana) do planejamento, pensamos o papel docente, os registros, a organização dos espaços.

A partir de Forman e Fyfe (2016) documentar extrapola a amostra de trabalhos das crianças. Por esse viés, os documentos da Pedagogia explicam a aprendizagem e a mentalidade educacional. Para além de exposição, propõem questionamentos sobre ideias, convida à previsão e provoca hipóteses. Configurou-se como relatório para aprimorar o discurso e focalizou todas as crianças, mesmo que apenas uma fosse citada. Cada criança foi tratada como uma criança representativa. Investigamos seu pensamento e as estratégias do que propusemos no “UEMS ACOLHE”, sem preocupações de marcar progressos.

As narrativas do “UEMS ACOLHE” são sucintas, similares às características de mini-histórias², definida por Fochi (2019) como estratégia pedagógica que integra o contexto. São documentos que, por meio da fotografia e da palavra, sintetizam a essência da experiência e as estratégias usadas pelas crianças. Mostram a aprendizagem e a atmosfera o sentido do que ocorreu, expressam a complexidade das crianças.

As mini-histórias do “UEMS ACOLHE” destacam as experiências das crianças nos contextos de brincar (de desenhar, de pintar e de construir) e a riqueza das minúcias que elas viveram nas noites das terças-feiras, inspiradas no conceito de acolhimento enquanto método de trabalho e um modo de ser e agir que envolve crianças e adultos, permeado de respeito em relação a si e ao outro. Por isso, não foi sempre tranquilo e gerou questionamento frequente (Staccioli, 2013). Sendo assim, o exercício de narrar orientou o trabalho da Pedagogia, pois acompanhou a avaliação do realizado (Fochi, 2019) e ajudou a projetar o cotidiano. Favoreceu atenção nas crianças para escutá-las. Dessa forma, as estudantes refletiram propostas e o cotidiano, viveram processos de

¹ Material construído para estudos do Projeto: Múltiplas linguagens no cotidiano de bebês e crianças: pesquisa-ação com egressas da Pedagogia UEMS Dourados (FUNDECT) - 2023-2025 - Chamada Fundect/UEMS Nº 09/2022 - Edital Acelera UEMS.

² As mini-histórias do “UEMS ACOLHE” estão integradas aos itens 5, 6, 7, 8 e 9 deste artigo.



formação contextualizados e construíram conhecimentos pautados em teorias. Os observáveis ajudaram a “[...] pensar em como retroalimentar e construir os processos de continuidade” (Fochi, 2019, p. 35).

4. A Pedagogia/Dourados no “UEMS ACOLHE”

Iniciamos, a partir deste item, a apresentação de fragmentos de experiências que permearam o cotidiano das crianças a partir do resgate das mini-histórias que construímos. Por meio delas, dialogamos com autores da educação que acompanharam a formação das licenciandas em uma universidade [UEMS] que tem, entre seus objetivos, o desenvolvimento de ações inclusivas.

As imagens que compõem a documentação pedagógica, acompanhadas de narrativas, revelam instantâneos de ações, de pensamentos, de dúvidas e de decisões ligadas à docência. Marcam concepções teóricas entrelaçadas, já que as crianças são seres de múltiplas linguagens, cientistas na descoberta das leis da natureza, inseridas em um tempo que acontece aqui e agora.

Exercitar a escuta, para entender as necessidades e especificidades das crianças foi fundamental. As estudantes observaram quais relações elas estabeleciam com as coisas e entre si e como realizavam trocas. Escutar foi importante como “[...] dimensão reflexiva do adulto em relação às crianças” (Fochi, 2019, p. 18). Implicou perceber as necessidades delas para organizarmos contextos que potencializassem suas aprendizagens, demandou o compromisso de não corromper seu imaginário, suas formas de ver, de amar, de experimentar e de sentir, como ensina Hoyuelos (2019). Por isso, Forman e Fyfe (2016) impuseram a equipe a pensar se realmente extrapolava o ato de ouvir e, dessa forma, as estudantes acionaram o “terceiro ouvido” para captar os significados implicados na comunicação das minúcias do cotidiano, geralmente não observadas nos contextos escolares. A partir desse entendimento, descobriram as melhores perguntas de acompanhamento das experiências das crianças.

5. A linguagem universal das crianças: o brincar

A linguagem do brincar direcionou as ações das estudantes da Pedagogia com as crianças do “UEMS ACOLHE”, já que é a atividade principal das crianças, pois desencadeia desenvolvimento e aprendizagem (Vigotski, 1987), independentemente da idade e do país de origem. Nós aprendemos social e culturalmente a brincar e, na experiência, nos relacionamos com outras pessoas e nos conhecemos como sujeitos partes do mundo. Brincar promove a interpretação a partir de condições específicas. Brincando, resolvemos conflitos e, utilizando brinquedos, as crianças se apropriam de estratégias por meio dos quais os grupos sociais usam a representação para fixar a sua identidade e a dos outros.

A brincadeira também desenvolve a linguagem oral e a escrita. Especificamente no caso de algumas crianças do “UEMS ACOLHE”, iniciantes na aprendizagem da Língua Portuguesa, favoreceu trocas e a (re)construção de



sentido das ideias do mundo, das coisas, das pessoas. Mesmo sem dominar a fala ou o idioma, os bebês e crianças se comunicaram: por meio de olhares, sorrisos, metáforas, gestos, sons e silêncios... e foram correspondidos.

As crianças brincaram muito, e o tempo todo, com todo o material que exploravam. Ao investigarem uma instalação com papéis picados, ao jogarem bola, ao dirigirem uma caixa ou ao construírem usando materiais não estruturados, ou seja, aqueles que não possuem forma definida e favorecem a criação. Dessa forma, elas criaram culturas na sua inteireza: seus corpos, literalmente, se transformaram em carros, cavaleiros, construtores e médicos. Nas brincadeiras, elas lançaram hipóteses imaginárias a seus interlocutores e receberam, deles, respostas acolhedoras para ampliar a imaginação e continuar as experiências. Essa linguagem universal, finalmente, elucidou o papel que as estudantes desempenhariam no “UEMS ACOLHE”: brincar¹.

Mini-história 1

 **Faz de conta que....**

- ... sou um escudo! (Abraão)
- ... a gente tá na banheira. Vou te lavar! (Maria)
- ... vai chegar cara a conta de água! (Abraão)
- Empurra a Ruth, ela é pesada!
- Vai bater (carrinho) no dela!
- O pandeiro é o volante. Se precisar, tá aqui!
- Acabou gasolina. Eu vou encher!

Pedagogia UEMS/Dourados **UEMS ACOLHE**
POLO PIB/DOURADOS **Registro:** Giana Amaral Yamin
07 nov 2023. Crianças: Maria Clara,
Abraão, Artur e Rute. Estudante:
Kamila.



Mini-história 2

 **A fazendinha e... os carros**

Um contexto com animais, toquinhas e caixas, organizado ao ar livre, em frente à rua, favorece a livre movimentação.

Artur, na chegada, ainda com a mãe, se antecipa, seleciona os animais e imita suas vozes.

O amigo James escolhe uma caixa e transporta os animais e os toquinhas para perto de Artur.

Enquanto brinca, Artur admira os carros que passam na rua e se alegra ao mostrá-los para o amigo. James entra na caixa e é empurrado pela professora enquanto Artur emite o som do veículo.

As crianças socializam, brincam e utilizam o corpo para enriquecer o contexto planejado.

Pedagogia UEMS/Dourados **UEMS ACOLHE**
POLO PIB/DOURADOS **Registro:** Kamila Gabriela. 2023.
Crianças: James, Artur,Ruth.



A equipe da Pedagogia procurou aporte teórico para traçar os caminhos, selecionou previamente as experiências que ofereceram às crianças. Questionando a concepção de criança consumidora, as estudantes restringiram a oferta de brinquedos industrializados que reproduzem práticas do patriarcalismo (cores, estereótipos e formas para meninos e meninas) e valorizaram o brincar e o brinquedo como construções culturais que dirigem valores, ações e comportamentos (Vitória, 2003). As estudantes evitaram explorar livros e músicas veiculadas nas mídias, que geram modelos de desejos de pertencimento e interferem na construção da identidade. De acordo com Pereira (2016), as mídias fundem uma cultura e contribuem com a definição e com a imposição do que acaba sendo reconhecido como cultura.

¹ Esclarecemos que as famílias autorizaram, por meio de termo de cessão livre e esclarecido, a divulgação dos nomes e imagens das crianças em redes sociais, com fins pedagógicos, bem como para a divulgação da experiência em eventos e publicações científicas.



No decorrer dos encontros, as estudantes perceberam que as crianças gostavam de brincar com caixas e, estudando Forman e Fyfe (2016), observaram como pensavam e quais eram seus interesses. Como consequência, construíram as nuances para oferecer-lhes experiências que geraram provocações na exploração de caixas em diferentes situações. Buscaram os conceitos dos interesses das crianças para extrapolar a superficialidade a fim de ajudá-las a refletir (Forman; Fyfe, 2016). Feito isso, organizaram, em vários encontros, cenários inéditos para favorecer o brincar com caixas.

Mini-história 3



O carrinho

Hoje, os meninos criaram um jogo: um empurrava a cesta e o amigo recolhia objetos espalhados no chão e os entregava a Kamila.



O ambiente, organizado por adultos, foi ressignificado pelas crianças como decorrência das interações.



Pedagogia
UEMS/Dourados

UEMS ACOLHE/
DOURADOS

Registro: profa. Giana Amaral Yamin
out 2023. Crianças: Artur e James.
Polo PIB.

Mini-história 4



É uma caixa?

Em diferentes encontros, o interesse impulsionou brincadeiras com CAIXAS. Elas “se transformaram” em camas, sapatos, esconderijos....



Não, não é apenas uma caixa!!



Pedagogia
UEMS/Dourados

UEMS ACOLHE/
DOURADOS

Registro: profa. Giana Amaral Yamin
out 2023. Polo PIB.

As estudantes também propuseram às crianças exploração com jogos de construção com bobinas, canos, tecidos, conectores, discos de vinil e toquinhos de madeira. Ofereceram a elas possibilidades de compartilharem o mesmo espaço e de resolverem problemas (sozinhos e de forma compartilhada). Se surpreenderam com as possibilidades do material não estruturado para todas as crianças, desde os bebês.

Não esperávamos expressivo envolvimento por tanto tempo. As crianças agiram como engenheiros, as maiores inspiravam as menores. E, como orientam Dubovik e Cipidelli (2018), brincando, elas tomaram decisões, buscaram estratégias, confrontaram ideias e fizeram tentativas que foram base para aprendizagens (Registro, 2023).



Mini-história 5**Uma bobina?**

Por que não quer entrar? Perguntou Rafael, durante a construção. Para responder sua pergunta, tentou, experimentou, virou, olhou..... conseguiu!



Pedagogia
UEMS/Dourados

UEMS ACOLHE
POLO
PIB/DOURADOS



Registro: Giana Amaral Yamin
14 nov 2023. Criança: Rafael.

Mini-história 6**O explorador**

Ao chegar ao contexto, Artur observou os elementos e escolheu a bobina. Testou o peso. Depois, tocou os tules e os canos.

Após, começou a exploração. Maravilhou-se com a torre que empilhou. Observou, derrubou e comemorou. Recomeçou a experiência.

Como é apaixonado por carros, a próxima descoberta o encantou. Deitou e rolou uma bobina. Percebeu que se movimentava como uma roda. Continuou a experiência, rodou, rodou e usou seu corpo para frear o carro quando necessário.

Artur investigava enquanto brincava ou brincava enquanto investigava?



Pedagogia
UEMS/Dourados

UEMS ACOLHE
POLO
PIB/DOURADOS

Registro: Kamila Gabriela
14 nov 2023. Crianças: Artur.

O planejamento responsável apoiou individualidades e interesses. A avaliação não procurou resultados, mas entender as crianças e planificar experiências para elas. As materialidades - com diversos formatos, profundidades, larguras e pesos, provocaram imaginação e desencadearam curiosidade.

Mini-história 7**Luz, luz!!!!**

Artur se encantou com a iluminação do contexto. Ficou extasiado. Pronunciava palavras que não consegui entender, mas seus gestos eram universais.

Experimentou possibilidades e percebeu a claridade existente, emitida por uma lâmpada do lado externo e apontou para mim.

Não traduzi a frase emitida, mas, compreendendo o contexto, respondi: "Sim, Artur, é a luz".

Ele me olhou e repetiu: "Luz, luz", abrindo os braços como se quisesse tomar para si toda a descoberta.



Pedagogia
UEMS/Dourados

UEMS ACOLHE/
DOURADOS

Registro: profa. Giana A. Yamin
out 2023.

Mini-história 8**Caixas, papéis, luzes e crianças.....**

O olhar das crianças brilhou quando adentraram ao ambiente com as caixas e os papéis refletidos por nuances de luminosidade.

As experiências foram se transformando: exploração do corpo, dos materiais até chegar no faz de conta.

Sozinhos, e em grupos, elas fizeram descobertas e invenções.



Pedagogia
UEMS/Dourados

UEMS ACOLHE
POLO
PIB/DOURADOS

Registro: Giana Amaral Yamin
07 nov 2023. Crianças: Maria Clara e James.

As crianças testaram formas, tamanhos, cores, funções, junções e descobriram possibilidades dos objetos que estavam à sua disposição. Brincando e experimentando seus corpos, para além do interesse superficial, elas viveram processos investigativos. As aventuras atenderam as especificidades, incluindo as dos bebês. Meninas e meninos, para além de se envolverem, viveram as experiências.



6. Brincar com múltiplas linguagens

De acordo com Forman e Fyfe (2016, p. 258) “[...] há mais de cem sistemas simbólicos que têm sistematicidade e sintaxe o bastante para serem chamados de linguagens, linguagens que as crianças poderiam usar se a cultura da sala permitisse [...]”. As crianças têm uma centena de vozes, ou seja, usam sistemas simbólicos quando tentam (sozinhas ou coletivamente) explicar o mundo, contar algo ou fazer planos. Por isso, no “UEMS ACOLHE”, as estudantes favoreceram que as turmas experimentassem diferentes linguagens. E, para além da simples manipulação, garantiram nos materiais que ofereceram às crianças, a “[...] presença de uma mensagem pretendida que motiva as crianças a negociarem significados compartilhados e coconstruir conhecimento” (Forman; Fyfe, 2016, p. 259). Isso ocorreu nas propostas de leitura, pintura, escultura, música e brincadeiras gerando possibilidades para a pesquisa e a cultura de pares.

O corpo das crianças expressou o que as palavras não conseguiriam dimensionar isoladamente, a exemplo do deslumbramento da expressão de James ao perceber a alteração do desenho após a incessante pesquisa de cores. Também se manifestou quando as crianças brincaram de pegador, de forma não imaginada pelos adultos, engatinhando como um sopro de vento no amplo espaço externo da instituição.

Mini-história 9

O brincar livre

O corpo livre, sem destino, experenciado em todas as suas possibilidades.

Se fosse possível, voariam...



Pedagogia
UEMS/Dourados

UEMS ACOLHE
POLO
PIB/DOURADOS

Registro: Giana Amaral Yamin
2023. Crianças: Maria, Rafael, Artur,
Rute e James.

Mini-história 10

brincar de pintar

Na experiência de brincar com tinta sobre plástico bolha, no início, James estava receoso e o incentivei: coloquei tinta no pincel e ele começou a exploração.

Optou por usar a cor preta até que acabasse. Depois, por cima, testou a textura de outras cores. Primeiro, levemente, com os dedinhos, depois, com maior intensidade, usando a mão, inspirado no amigo Artur.

Artur misturava as cores e testava possibilidades. Eu não entendia o que falava, mas parecia querer dizer a “cor que surgia”.



Registro: Gislaine Ferreira Novelli.
21 nov. 2023. Crianças: James, Artur.

Sentir a música, uma percepção sensorial que mobiliza o movimento, foi ampliada, pelo toque da mão de Maria no momento que ela apoiou o amigo, menor, com intenções de proteção, traduzida de forma ampliada como uma linguagem de afeto manifestada pelo corpo. A linguagem do corpo das crianças foi percebida pelas estudantes, no movimento das experiências, como veículo de expressão específico de cada cultura e da mistura de cultura, inclusive as criadas por elas. Dessa forma, perceberam quanta coisa cabe numa brincadeira, como a capacidade de ver “[...] não apenas o quanto cuidar e o educar são



indissociáveis, mas, também que a preocupação com o outro é instauradora de uma ética” (Pereira, 2016, p. 65).

Mini-história 11

Vamos dançar?

A música, quando vivida com o corpo, favorece as interações, o cuidado e a construção estética de como podemos enxergar o mundo e o outro.

Pedagogia UEMS/Dourados

UEMS ACOLHE POLO PIB/DOURADOS

Registro: Giana Amaral Yamin
14 nov 2023. Crianças: Maria, Rafael, Arthur, Rute e James.



Mini-história 12

“Vamos construir um ninho, Rute? Vou ser sua Passarinha!” (Maria)

Pedagogia UEMS/Dourados

UEMS ACOLHE POLO PIB/DOURADOS

Registro: Giana Amaral Yamin
07 nov 2023. Crianças: Maria Clara e Rute.



Da mesma forma, Arthur, ao brincar com argila, revelou não apenas suas descobertas, mas o que ainda desejava pesquisar. E, durante a experiência, usou o corpo com cada vez maior intensidade, testando as pontas dos dedos até a extensão dos braços e do rosto. Da mesma forma, no dia da celebração da certificação dos pais, o menino, ao receber um porta-retratos com sua fotografia sentado em um carrinho revelou, utilizando o corpo, alegria, ao memorizar o vivido: “Ele segurou o porta-retratos imaginando-o um volante. Dançou pelo salão flutuando como se percorresse uma estrada sinuosa. Seu corpo era o carro em movimento, acompanhava as curvas do caminho. Ele lembrava o vivido recriado de outra forma...” (Registro, 2023). De forma espontânea, a criança demonstrou à equipe da Pedagogia, o que Hoyuelos (2019) escreve, e às vezes temos dificuldade para visualizar, que as crianças têm uma forma poética de ver o mundo e que isso dá sentido a seu viver.

As crianças também usaram o corpo ao apreciarem a literatura. O diálogo estabelecido com “O livro com um buraco” (Tullet, 2014), convidou-as a inúmeras brincadeiras e, mesmo disponibilizados nas mesas, elas experimentaram a obra literária com o rosto, com as mãos e com os pés. Puderam escolher a leitura sentadas ou em pé, sozinhas ou em grupos. Brincando de ler, jogaram bola, competiram em uma corrida de carros, usaram a imaginação e criaram enredos. Riram, se emocionaram.



Mini-história 13**O explorador**

Ao chegar ao contexto, Artur observou os elementos e escolheu a bobina. Testou o peso. Depois, tocou os tules e os canos.

Após, começou a exploração. Maravilhou-se com a torre que empilhou. Observou, derrubou e comemorou. Recomeçou a experiência.

Como é apaixonado por carros, a próxima descoberta o encantou. Deitou e rolou uma bobina. Percebeu que se movimentava como uma roda. Continuou a experiência, rodou, rodou e usou seu corpo para frear o carro quando necessário.

Artur investigava enquanto brincava ou brincava enquanto investigava?



Pedagogia
UEMS/Dourados

UEMS ACOLHE
POLO
PIB/DOURADOS

Registro: Kamila Gabriela
14 nov 2023. Crianças: Artur.

Mini-história 14**Argila**

Ao brincar com argila, Artur foi pesquisador: alisou, furou, bateu e percebeu a formação de sulcos.

Muitas vezes quis sentir a água esguichar no rosto. Percebeu a textura do barro seco na pele.

Explorou o tato, o cheiro, a temperatura e a consistência.

Foram muitas as descobertas.

Pedagogia
UEMS/Dourados

UEMS ACOLHE/
DOURADOS



Registro: profa. Giana A.Yamin
out 2023. Criança: Artur.

7. O cuidado como parte das interações

As duas mini-histórias, na sequência, ao destacarem as relações de afeto e de cuidado de duas crianças¹ para com os amigos menores explicita a valorização de aprendizagens que geralmente são negligenciadas por algumas instituições, pois não estão relacionadas com a preparação para a escolarização. No “UEMS ACOLHE” importou pensar o acolhimento, observar e narrar as relações humanizadoras. Observa-se, na pequena grandiosa narrativa, a efetivação do cuidar/educar o outro. A cena revela respeito, acolhimento, segurança e superação de limites e possibilidades dos corpos viverem experiências de construção da identidade.

Mini-história 15**A professora**

Maria sentia-se protetora. Segurou na mão de James para subir as escadas e diminuiu o passo ao observar que ele precisava usar ambos os pés para subir os degraus.

Ao chegarem ao contexto, Maria percebeu o receio do pequeno e o abraçou. Sentou-se para ficar na altura dele, e lhe ofereceu um dinossauro mostrando que era inofensivo. Antes do lanche lavou sua mão.

Ao chegar em casa disse: “Hoje eu fui professora!



Pedagogia
UEMS/Dourados

UEMS ACOLHE/
DOURADOS

Registro: profa. Giana A.Yamin
out 2023. Crianças: Maria Clara e James.

Mini-história 16**“Um ótimo professor”**

Abrahão é admirado pelos menores: “Ele é um bom professor, né? disse Maria.



Pedagogia
UEMS/Dourados

UEMS ACOLHE/
DOURADOS

Registro: profa. Giana Amaral Yamin
out 2023. Crianças: Abrahão. Polo
PIB.

¹ Abrahão, 12 anos de idade, era de nacionalidade Venezuelana e Maria, 4 anos de idade, brasileira, acompanhava a Coordenadora do Projeto semanalmente nas atividades.



O registro revela a potencialidade das crianças para gerenciarem momentos do cotidiano e valoriza as minúcias da rotina. Induz ao questionamento do aceleramento do tempo e impõe que as crianças, conforme Fochi (2019), sejam respeitadas nas suas necessidades e especificidades e que vivam, na instituição, o acolhimento como lugar de vida. A narrativa ensina que nas relações e no contexto ocorrem aprendizagem de uma infinidade de coisas que não podem ser medidas em atividades impressas, todavia, são maravilhosas. E, posteriormente, ao contar à mãe, "Hoje fui professora", a menina Maria revelou sentidos da docência que dialogam com documentos oficiais (pensados por adultos) e que materializou na ação ao brincar com os amigos (BRASIL, 2009). A cena revela que a aprendizagem é solidária e que as crianças compartilharam cultura inventando, discordando, experimentando, cuidando e educando. Elas possuem uma "[...] capacidade de estabelecer conexões inesperadas, holísticas e não padronizadas; [...] de inventar e interpretar situações novas e criativas com empatia com as coisas e com as demais" (Hoyuelos, 2019, p. 158).

8. Memórias, receios, afetos, saudade...

"Eu lembro como fala giz de cera em venezuelano"
"Minha avó montava um parque no meu quarto pra eu brincar"

As terças-feiras eram especiais, pois, para as crianças, estar no "UEMS ACOLHE" tinha sentido diferente do que frequentar a escola, era um encontro social de brincar. Durante a semana, uma Liana (Venezuelana, 6 anos de idade) aprendia letra cursiva e Abrahão (Venezuelano, 12 anos de idade) estudava para obter dez na prova, o que lhe rendia gratificação em dinheiro da mãe, a quantia de R\$5,00. Todas reclamavam não poder correr na escola, por isso, preferiam a hora do recreio, mas "[...] pena que dura só dez minutos" (Registro, 2023).

Muitas vezes, estar no "UEMS ACOLHE" significava um reencontro, pois as crianças conviviam durante a semana, como dois meninos, um nascido na República Dominicana e o outro na Venezuela, que estudavam na mesma escola. Também registramos a presença de familiares, como dois primos da República Dominicana. Como foram estabelecendo laços, muitas narrativas foram sendo criadas nos momentos de interações: brincando, modelando, lanchando ou construindo, meninos e meninas comentavam a vida e ensinavam às estudantes da Pedagogia um pouco do que era ser uma criança de origem imigrante.

Durante a convivência, as estudantes se sensibilizaram com os percalços de um menino, decorrentes da impossibilidade de a mãe trabalhar devido às sequelas do labor no frigorífico (e da inércia da empresa para apoiá-los): "Temos um batom pra vender" (Registro, 2023). A criança, ao mesmo tempo em que lembrava os momentos de infância, demonstrava gratidão por não estar mais naquele lugar, como se quisesse se convencer de que agora sua vida é aqui, no Brasil. A saudade da avó era pulsante, externalizada constantemente pelo



menino venezuelano, de 12 anos de idade, todavia, sublimada quando ele lembrava que a distância valia a pena pelo fato de não precisar mais enfrentar as condições de vida no seu país. Estar juntos, conversar e ouvir, possibilitava às estudantes da Pedagogia compreenderem um pouco da dinâmica de famílias que possuem outra cultura, como as melhores condições de vida de uma menina de dois anos de idade, filha de venezuelanos, já nascida no Brasil: "Todo mundo da minha casa ama minha irmã. Ela é a mais mimada" (Registro, 2023).

No final do segundo semestre, faltando duas semanas para a conclusão das aulas, Abrahão convidou amigos venezuelanos a irem aos encontros. Os meninos também tinham 12 anos de idade, não havendo, portanto, necessidade de acompanharem os pais. Todavia, hipotetizamos que, para Abrahão, estar na companhia de seus pares favorecia o sentimento de pertencimento da cultura de origem e da atual (Pereira, 2016). Estar com os pares permitia dialogar em espanhol, lembrar do passado e, ao mesmo tempo, "digerir" as experiências do presente na apropriação de uma cultura que se somará à sua história e à (re)construção da sua identidade.

Mini-história 17

 **Abraão...**

Abraão acompanha a mãe às aulas desde o primeiro semestre de 2023. Sonhador e atencioso, auxilia os menores, participa das histórias e sugere brincadeiras. Socializa momentos da vida atual, como quando ganhou o Salsicha, seu cachorro e quando recebeu o boletim com notas máximas. Mas, Abraão também conta fragmentos da vida na Venezuela e a saudade ficou explícita ao rememorar o creme de suspiro da avó e ao relatar que a mãe improvisou um parque para que ele brincasse no quarto, com um "colchão velho e outras coisas". Nos últimos encontros, convidou dois amigos, também venezuelanos, para visitarem o Programa. Os três socializam, brincaram e praticaram a língua materna, algo que não abrem mão quando estão juntos.

Pedagogia UEMS/Dourados	UEMS ACOLHE POLO PIB/DOURADOS	Registro: Kamila Gabriela e profa. Giana, nov 2023. Crianças: Abraão e seus amigos.
--	--	--

Mini-história 18

 **Amigas**

Elas brincam com os meninos, mas estão sempre juntas. Parceiras inseparáveis. Antes, comunicavam-se por meio de gestos, hoje trocam palavras e frases. Inventam brincadeiras, criam histórias, guardam material, ensinam, aprendem e cuidam uma da outra. Em interação, compartilham culturas e aprendem a constituir modos de agir, de sentir e de pensar o mundo.

Pedagogia UEMS/Dourados	UEMS ACOLHE/ DOURADOS	Registro: profa. Giana Amaral Yamin out 2023. Crianças: Maria Clara e Ruth Angela. Polo PIB.
--	--	---

9. Finalizando: reflexões acerca dos caminhos para a docência

As mini-histórias que a equipe da Pedagogia UEMS/Dourados construiu revelam respeito pelo trabalho realizado no UEMS/ACOLHE, sem improvisos, mas, com possibilidades de alterações no/do percurso. Destacam a antecipação das estudantes para efetivarem um planejamento significativo às crianças antes, durante e após o vivido. Mostram as "permissões" e limitações que foram possíveis gerenciar e, sobretudo, a intenção de que as crianças usassem seus corpos na inteireza, atuando nas diversas linguagens. Como atuaram em um ambiente não formal de educação não reproduziram um currículo de creche ou escola, todavia, respeitaram as concepções da Pedagogia UEMS.



As estudantes se aproximaram de uma cultura que não era delas, foi um passo inicial para perceberem que ainda há muito o que aprender. Mesmo com poucos encontros (20 noites), elas aprenderam que precisam se constituir como professoras com um “olhar diferente para o outro”. As crianças imigrantes já são realidade nas escolas e creches do nosso país e “[...] ainda recebem tratamentos hostis, não são bem acolhidas e tem acesso restrito à educação, possuindo marcas de uma migração marcada por vulnerabilidades” (Daniel; Moro, 2022, p. 86).

Pensar na cultura do outro foi uma forma de pensar como esse outro se apresenta para nós e como nosso modo de ver revela quem somos ou como devemos ser. As estudantes compreenderam que a cultura é fomentada por adultos e crianças, e que o modo como tratamos as crianças dependerá de concepção de infância que direciona o fazer docente: ela pode ser vista como um sujeito ativo que recria e produz cultura ou como um mero ser depositário dela (Pereira, 2016).

Atuar com crianças pertencentes a configurações familiares, nacionalidades, idades e trajetórias de vida diferentes foi importante para a constituição das futuras professoras. Apesar do pouco tempo, as licenciandas pesquisaram aspectos da cultura das crianças, procurando entendê-las, o que ampliou seu repertório profissional e humano, podemos dizer.... A partir da escuta, elas observaram como as crianças constroem cultura de pares, ou seja, como brincaram, pensaram, hipotetizaram, responderam curiosidades, negociaram, e como criaram mecanismos de resistência e quais experimentos fizeram. Ainda perceberam as linguagens que usaram para viverem o maravilhamento da experiência de conhecer o mundo nas noites das terças-feiras.

No âmbito da formação, o vivido no Programa “UEMS ACOLHE” permitiu que a equipe da Pedagogia UEMS/Dourados observasse uma forma de ver as capacidades das crianças de construírem histórias e oportunizou que conhecessem essas histórias. Reconhecer como as crianças aprendem ajudou-as a construir uma nova forma de pensar as crianças e construiu uma nova forma de estabelecimento de relações Fochi (2019).



Mini-história 19**A quem acolheu**

Agradecemos as estudantes pela parceria no Programa UEMS Acolhe.

A experiência, ocorrida após o turno das aulas da graduação, de caráter voluntário, desenvolveu vivências atendendo os princípios do curso de Pedagogia/Dourados, relacionando teoria e prática.

Vivemos um ano intenso e consideramos os direitos de crianças que acompanhavam os adultos imigrantes nas aulas realizadas no período noturno.

O planejamento foi delineado pela didática do acolhimento, do maravilhamento das minúcias do cotidiano e pela valorização das diferentes linguagens que as crianças usam para se expressar.

Desenvolvemos uma prática educativa, em um espaço não formal, sensível às manifestações e interesses das crianças! Ensinamos e aprendemos juntas!



professoras: Giana e Maria Eduarda Ferro. 2023. Estudantes: Isabela, Luana, Sophia, Kamila, Rafaela, Gislaine.

Pedagogia
UEMS/Dourados

UEMS ACOLHE
POLO
PIB/DOURADOS

Mini-história 20**Acolher**

As linguagens do corpo, do “olhar parado”, o silêncio e parceria constante da chupeta relevaram que Nicole estava sonolenta.

Não quis brincar e foi respeitada. Recebeu colo, carinho e tentativas de envolvê-la nas propostas.

Quando sentiu fome lanchou antes das outras crianças.

Escutar as necessidades de Nicole, e atendê-las, significou ACOLHIMENTO!

Pedagogia
UEMS ACOLHE
POLO
PIB/DOURADOS

Registro: Giana Amaral Yamin
07 nov 2023. Crianças: Nicole.
Estudantes Gislaine e Sophia.



A partir de Fochi (2019), as estudantes vislumbraram o alargamento da percepção do maravilhamento de pequenas situações. A experiência ensinou que o mundo demanda mestres e doutores na área da Educação do Maravilhamento das miudezas do cotidiano, uma formação que garanta o reencontro com a admiração pelas coisas que parecem simples, mas, como Piaget dizia, são revoluções copernicas que somente as crianças têm capacidade para executar.

As escolas precisam de adultos que valorizem quando crianças pequenas se arriscam e entendam que elas pouco cansam e que desistem somente quando o corpo físico é invadido por alguma infecção. Meninos e meninas são corajosos, não percebem escadas ou ladeiras como obstáculos, mas como possibilidades de viver a vida em movimento, de jogar-se na ludicidade da experiência. A experiência conclui a importância de uma formação docente que acenda olhares que se surpreendam e que impulsionem ao sonho, que fomentem o senso estético em diálogo com os princípios éticos e políticos. Uma formação que alimente o adulto a querer estar de fato no mundo para integrá-lo, a exemplo do que fazem as crianças.

O compartilhamento das mini-histórias convida o leitor deste texto a olhar as crianças de outra forma, revela a complexidade das relações vividas, mostra como as crianças veem o mundo. Desoculta outra beleza na docência e cria relações de respeito, porque elucida a grandiosidade das reações das crianças e o trabalho das estudantes da Pedagogia UEMS. Mostra um lado da educação não divulgado, sublimado, negligenciado e desconhecido. Acreditamos que, para as crianças, o “UEMS ACOLHE” se configurou como um lugar de acolhida. Abraços e olhares na despedida do programa emocionaram e comunicaram sentidos de palavras que não precisaram serem explicitadas por meio da oralidade.



Mini-história 21

Uma estrada e... saudade!

No último dia, um carro elétrico foi destaque. Todas as crianças pilotaram na *Rua das crianças*, repleta de transportes de todos os tamanhos.

Elas revezavam interesse e escolhiam com o que brincar. Corriam, chutavam bola, empurravam ou pilotavam carros. Construíram, viraram fazendeiras.

O sono de Nicole ia e vinha dissipado ora pelo interesse no brincar ora pelo acalanto da Kamila.

Senti Abraão calado. Será que já estava com saudade? Ele me abraçou: Sou assim mesmo, professora. Ganhei um “abraço de urso”, do tamanho do mundo, do tamanho da saudade que estávamos começando a sentir.

Ao se despedir, Maria perguntou: “Quando vou ver a Ruth de novo?” Em breve, esperamos....



Pedagogia
UEMS/Dourados

UEMS ACOLHE
POLO
PIB/DOURADOS

Registro: Professora Giana. 28 nov
2023. Crianças: Abraão, Artur, Ruth,
Nicole.

Mini-história 22

Pedagogia UEMS

No UEMS Acolhe as estudantes da Pedagogia: exercem a docência.

Estudam como cuidar e educar crianças em contextos de interações e brincadeiras.

Desenvolvem um planejamento que busca a humanização e o respeito.



Registro: profa. Giana A.Yamin
out 2023. Estudantes: Kamila, Gislaine,
Izabelli, Sophia, Rafaela e Gislaine. Polo PIB.

Pedagogia
UEMS/Dourados

UEMS ACOLHE/
DOURADOS

Nesse contexto, ter avaliado o projeto a partir da documentação organizada em mini-histórias favoreceu a reflexão sobre a prática e sua relação com as crianças de forma específica para cada criança, e não na turma como única e homogênea. A investigação de como as crianças aprendem ajudou a pensar as condições adequadas para a continuidade das pesquisas, pensar a jornada diária e a “miudar” nosso olhar de ver a grandiosidade do contexto educativo. No processo reflexivo compartilhado da instituição, de acordo com Fochi (2019), construímos a identidade das futuras professoras a partir do exercício de revisitar concepções que as guiam.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Rômulo Sousa de; AMARAL, Cláudia Tavares do Amaral O trabalho do professor com crianças imigrantes e refugiadas: um estudo teórico do contexto brasileiro. **RPD**, Uberaba-MG, v.21, n.46, p.01-23, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC, 2009. Disponível em:
http://www.seduc.ro.gov.br/portal/legislacao/RESCNE005_2009.pdf. Acesso em: 03 fev. 2024.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. RJ: Zahar, 2005.

CORSARO, Willian A. **Sociologia da infância**. 2. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2011.



DANIEL, Fernanda Cargnin Gonçavez; MORO, Catarina. Crianças (I)migrantes e educação infantil. O que dizem as pesquisas acadêmicas brasileiras. **Revista Teias** v. 23 • n. 69 • abr./jun. 2022 • Migração e refúgio: desafios educativos entre desigualdades e diferenças.

DUBOVIK, Alejandra. CIPIDELLI, Alejandra. **Construção e construtividade:** materiais naturais e artificiais nos jogos de construção. São Paulo: Phorte, 2018.

FARIA, Guélmer Junior Almeida de. "Venezoelanos em Dourados MS": um estudo etnográfico de comunidades imigrantes nas redes sociais digitais. **Periferia**, vol. 05, p. 1-29, 2023.

FOCHI, Paulo. **Mini-histórias.** Rapsódias da vida cotidiana nas escolas do Observatório da Cultura Infantil - OBECI. Porto Alegre: Paulo Fochi Estudos Pedagógicos, 2019.

FORMAN, George; Fyfe, Brenda. A aprendizagem negociada pelo design, pela documentação e pelo discurso. In: EDWARDS, Carolin; GANDINI, Leila; FORMAM, George (orgs.). **As cem linguagens da criança:** A experiência de Reggio Emilia em transformação. Porto Alegre: Penso, 2016, p. 249-272.

JESUS, Alex Dias de. Configurações da migração haitiana no Mato Grosso do Sul. **Travessia.** Revista do Migrante - Ano XXXI, Nº 84 - Setembro - Dezembro/2018, p. 113-126.

HOYUELOS, Alfredo. A cultura da infância e âmbitos da brincadeira. In: Hoyuelos, Alfredo; RIERA, Maria Antonia (orgs.). **Complexidade e relações na educação infantil.** São Paulo: Phorte, 2019, p. 150-173.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. No tecido da documentação, memória, identidade e beleza. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). **Registros na educação infantil:** pesquisa e prática pedagógica. Campinas/SP: Papirus, 2017, p. 19-54.

PEREIRA, Rita Ribes. Infância e cultura. In: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Ser criança na educação infantil:** infância e linguagem. Brasília: MEC/SEB, 2016, p. 47-77. Disponível em:
<https://wp.ufpel.edu.br/obeducpacto/files/2019/08/Caderno-2-Infancia-e-Linguagem.pdf> Acesso em: 03 fev. 2024.

STACCIOLI, Gianfrancesco. **Diário do acolhimento na escola da infância.** São Paulo: Autores Associados, 2013.

SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina Soares de (orgs.). **Estudos da infância:** educação e práticas sociais. São Paulo: Vozes, 2008, p. 17-39.



TULLET, Hervet. **O livro com um buraco**. São Paulo: Cosac Nayfi, 2014.

VITÓRIA, Maria inês Côrte. O brinquedo e a brincadeira: uma relação marcada pelas práticas sociais. In: JACOBY, Sissa (org.) **A criança e a produção cultural**. Do brinquedo à literatura. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003, p. 29-44.

VIGOTSKI, Lev. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

Recebido em: 20 de abril de 2024.

Aceito em: 24 de agosto de 2024.

Publicado em: 30 de outubro de 2024.

